

Resumo: Observo o funcionamento da divulgação científica no discurso da propaganda com o objetivo de compreender os efeitos dessa formulação. Analiso, pela perspectiva materialista, textos verbais e visuais publicados na Seção Gôndola da revista **Saúde**, da editora Abril. Tenho algumas questões que norteiam a análise: Como a divulgação científica funciona na formulação da propaganda? Que sentidos são instaurados nesta formulação? Concluo que o imaginário de língua que circula no espaço discursivo da seção da revista é o de língua transparente, o que aponta para uma noção de que os sentidos são originais, únicos. Contudo, pela noção de efeito metafórico, instaura-se uma falha nessa literalidade, pois o controle e a administração da interpretação não se completa e isso se mostra na tensão instaurada entre a formulação dos textos, afetados pela divulgação científica, e os movimentos da subjetividade que funcionam no discurso da propaganda.

Palavras-chave: língua; discurso; divulgação científica; propaganda.

Abstract: I observe the functioning of the scientific diffusion in the publicity discourse in order to understand the effects of this formulation. I analyze, from the materialist perspective, verbal and visual texts published in the Gondola Section of **Saúde** magazine (Abril). I have some questions which guide the analysis: how does the scientific diffusion work in the formulation of the publicity discourse? What meanings are established in this formulation? I conclude that the imaginary language that circulates in the discursive space of the magazine is a transparent language, pointing to a notion that the senses are original and unique. However, the notion of metaphorical effect institutes a lapse in this literality because the control and administration of the interpretation is not complete, and this is shown in the tension established between the texts formulation, affected by scientific diffusion, and the subjectivity movement in the publicity discourse.

Keywords: language; discourse; scientific diffusion; publicity.

Introdução

Neste trabalho, compreendo a divulgação científica conforme Orlandi (2005), ou seja, “textualização jornalística do discurso científico” e analiso seu funcionamento enquanto circunscrita ao eixo da formulação do dizer, isto é, do intradiscurso, na relação com o interdiscurso, sua constituição. O objetivo é compreender seus efeitos no discurso da propaganda.

A divulgação científica, afirma Orlandi (2005, p. 151), é “interpretação de uma ordem de discurso que deve, ao produzir um lugar de interpretação em outra ordem de discurso, constituir efeitos de sentidos que são próprios ao que se denomina ‘jornalismo científico’”. A autora observa que a encenação pode nos mostrar muito sobre o funcionamento da divulgação científica, pois “vai-se além da enunciação, trabalhando-se discursivamente com a projeção, através de mecanismos imaginários, dos lugares enunciativos em posições sujeitos” (ORLANDI, 2005, p. 155).

A autora lembra a importância de analisarmos

a encenação que a imprensa produz ao textualizar a informação científica. Para Orlandi (2005), “o discurso jornalístico não é mero receptáculo, ele é um meio, no sentido material” e os meios não são indiferentes aos sentidos, não são apenas veículos neutros. É o caso, portanto, do funcionamento da divulgação científica na propaganda, conforme a análise que estamos propondo, porque a revista não é um mero receptáculo em que são depositadas as informações, mas, nesse caso, ela faz funcionar a linguagem científica de maneira particular pela materialidade simbólica do anúncio.

Ao teorizar o funcionamento do sentido, Orlandi (2001), retomando Pêcheux (1997), diz que a metáfora é “a tomada de uma palavra por outra, ou seja, *transferência*, o modo como as palavras significam”². Estabelece, a partir dessa noção, “que não há sentido sem metáfora”, ou, especificamente:

[...] o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e

é por esse relacionamento, essa superposição, essa transferência (*metaphora*), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. Ainda segundo este autor, o sentido existe exclusivamente nas relações de metáfora (realizadas em efeitos de substituição, paráfrases, formação de sinônimos) das quais uma formação discursiva vem a ser historicamente o lugar mais ou menos provisório. (ORLANDI, 2001, p.44).

O efeito metafórico é condição do funcionamento da linguagem, ou seja, o deslocamento na maneira de compreender a metáfora reformula a posição comumente adotada sobre o sentido como uno e o compreende para além da dicotomia literal/não-litera. É através da *transferência* (*metaphora*) de sentidos, na relação entra as palavras, que se materializam a não-evidência, a não-litera de desses sentidos.

A análise: trajeto de sentidos

Neste recorte, analiso a materialidade simbólica constituída por vários textos publicados na *Seção Gôndola* da revista **Saúde**, da editora Abril. É uma seção que apresenta, em cada número da revista, um produto (alimentício, terapêutico, etc.) que está à venda tanto em lojas especializadas, quanto em lojas comuns. Junto à imagem do produto há o comentário de um profissional da respectiva área que informa aos leitores sobre a utilidade para o tratamento de algum problema de saúde (físico ou mental, por exemplo). Pode, também, simplesmente, como no caso da propaganda de produtos alimentícios, informar sobre seus nutrientes e índices calóricos para, de acordo com a revista, promover um consumo "consciente".

Nosso corpus constitui-se de uma série de textos³ que apresenta diversos produtos cujo objetivo seria minimizar os problemas ocasionados pelas varizes. A textualização é realizada de duas maneiras: formulada verbalmente e visualmente, nesse caso, como infográfico⁴.

No texto "Tire o Peso das Pernas" há a apresentação de um produto especialmente indicado para o tratamento das varizes: uma almofada confeccionada, de acordo o anúncio, "em poliuretano e tem a inclinação certa para auxiliar a circulação do sangue" (SZEGO, 2005, p.10). Segundo a revista, tal produto foi produzido em cor azul e tem mais ou menos um metro de

comprimento. A formulação do enunciado segue a seguinte ordem: informa o leitor sobre as propriedades do produto (*design especial, inclinação certa para auxiliar a circulação do sangue*), sobre seus benefícios (*indicada no pós-operatório, evita feridas, atenua dor nas pernas, etc.*) e sobre sua confecção e garantia de qualidade (*desenvolvida em parceria com uma equipe de médicos do Hospital das Clínicas de São Paulo*). Encontra-se, também, no rodapé da página da revista, o endereço eletrônico do fabricante.

Dois outros textos, "Veias dilatadas" (infográfico) e "Muito além da estética", explicam o aparecimento, a evolução das varizes e as consequências para quem tem a doença. Um terceiro texto, "Armas certeiras", apresenta os tipos de cirurgia existentes para *dar cabo das varizes*. Os dois primeiros estão reproduzidos a seguir:

[1] - VEIAS DILATADAS

1 – As válvulas se abrem para o sangue passar e se fecham para que ele não faça o caminho inverso.

2 – Quando esse mecanismo não funciona direito, o sangue reflui e fica malparado dentro dos vasos. (SZEGO, 2005, p.10).

[2] - MUITO ALÉM DA ESTÉTICA

As varizes indicam mau funcionamento das válvulas encarregadas de controlar o fluxo do sangue. Bombeado pelo coração, ele segue pelas artérias para levar oxigênio às células e retorna pelas veias, onde se localizam as tais válvulas. Se forem defeituosas, um pouco de sangue reflui, fica estacionado e dificulta o trânsito. a veia, então, se dilata e inflama, provocando todo o desconforto. "A causa é genética, mas situações como ficar muito tempo em pé ou sentado, usar anticoncepcional, ganhar peso e mesmo a gravidez favorecem o problema", explica o cirurgião vascular Kasuo Miyake, de São Paulo. As mulheres são mais vulneráveis. Os homens, porém, nem sempre escapam das veias que SALTAM AOS OLHOS. (SZEGO, 2005, p.10).

Minhas questões são as seguintes: *Como a divulgação científica funciona na formulação da propaganda? Que sentidos são instaurados nesta formulação? Tenho algumas hipóteses para isso, pois, nesse movimento, há uma encenação que: [1] instaura efeitos de objetividade para a*

linguagem (texto em terceira pessoa) e [2] faz funcionar um imaginário de ciência autônoma, una e uniforme, de acordo com um projeto continuísta de ciência, sustentado pelo pensamento positivista.

Relações entre o verbal e o visual: o funcionamento interdiscursivo

No caso do primeiro recorte, constituído pelos dois primeiros textos apresentados acima, observamos, na materialidade visual, a constituição de efeitos de velocidade, pela direção do caminho percorrido pelo sangue, para a explicação de como se dá o aparecimento das varizes, colocando em funcionamento um imaginário de que dentro do corpo humano há uma pista de corridas, ou uma via de tráfego intenso (pensando que as veias e artérias funcionam como vias de locomoção) em que sangue, células, válvulas estão em constante movimento, ora se tocando, ora parados, ora em marcha-ré.

No corpo humano são instauradas imagens do tráfego de carros, abrindo a possibilidade de significação do sistema circulatório. A seleção e a organização de palavras como **fluxo, bombeado, segue, retorna, fica estacionado, dificulta o trânsito**, funcionando interdiscursivamente na relação *corpo humano-trânsito*, desloca sentidos, tidos como transparentes numa textualização de discurso científico e o que ocorre neste deslocamento é um efeito-metafórico.

Em **as varizes indicam mau funcionamento das válvulas encarregadas de controlar o fluxo do sangue**, as **válvulas** funcionariam como um guarda de trânsito, ou um semáforo que regularia o tráfego viário a fim de evitar acidentes. Dessa forma, constitui-se o imaginário de que se o **fluxo do sangue** for bem orientado, necessariamente, o risco de acidentes será menor, pois o motorista dirigirá com mais cuidado e atenção e não perderá o acesso ao lugar desejado, portanto, não precisará **refluir** e correr o risco de entrar na contramão.

Todo esse trajeto é parte de um já-dito, mas que dito de outra forma e em outra situação, desloca o sentido das palavras em destaque. Há, também, um deslocamento de ordem discursiva (discurso do trânsito, da regulação, disciplina) para o discurso médico, apontando para uma administração da interpretação.

Em **bombeado pelo coração**, cabe perguntar: o que/quem é bombeado? Certamente

a resposta será: o sangue. Mas algo o bombeia, algo o faz funcionar, isto é, o coração. Pelo efeito-metafórico, funciona a imagem de que um motor, no caso, o coração, é que faz o corpo (carro) se movimentar, levando o sangue (combustível) às partes necessárias ao seu funcionamento. São as paráfrases *carro/corpo, motor/coração, combustível/sangue* que me permitem levantar essas hipóteses, pois o *mesmo* (no sentido designado por Orlandi) funciona *diferente* nessas palavras.

No enunciado **veias que saltam aos olhos** se estabelece uma relação com a expressão **veias dilatadas**, que constituem o imaginário da forma antiestética como as varizes se mostram nas pernas das pessoas. Uma paráfrase possível poderia ser **veias que se destacam**, contudo, não instauraria o mesmo efeito de sentido que remete a um plano que constitui, conforme o título “Muito além da estética”, uma vantagem que beneficiaria não só a aparência, mas também a saúde. Ao formular **saltam aos olhos**, materializa-se uma supervalorização estética das pernas na busca pela perfeição da forma física das pessoas, e é a divulgação científica que faz circular esse imaginário.

No texto “Arma certa”, a formulação do título constitui outras relações interdiscursivas, pois os métodos cirúrgicos próprios à **erradicação** das varizes são apresentados como armas que, predicadas como certas, desde já instauram efeitos de sentidos bélicos, de luta.

Comumente há, na divulgação científica, ou mesmo no discurso científico, essas formulações. Toma-se a luta, numa remissão ao interdiscurso de outras formações discursivas, como: “luta pela sobrevivência” ou “lutar com todas as forças”, relacionadas ao discurso cotidiano e funcionando fortemente pelo imaginário de que a vida, por si só, já é uma luta constante. A partir deste funcionamento, acredito que se realiza a migração para outros discursos, como a da saúde física e/ou mental. Conforme o recorte:

ARMAS CERTEIRAS

Estes são métodos eficazes para DAR CABO das varizes segundo Kasuo Miyake:

Cirurgia: o médico amarra as duas pontas da veia doente num fio de náilon para removê-la.

Fibra óptica: ela percorre a veia DISPARANDO JATOS de raio laser. O vaso SE



DESINTEGRA e é reabsorvido pelo organismo. **Cryo-laser:** é a combinação de ar gelado e laser. O primeiro anestesia a região e o segundo QUEIMA a veia.

Cryo-glicose: além do ar gelado, o especialista injeta glicose para DESTRUIR o vaso. (SZEGO, 2005, p.10).

Os efeitos-metafóricos se materializam, circunscritos ao título **Armas Certeiras**, na seleção de palavras como **dar cabo, disparando jatos, se desintegra, queima e destruir**, instaurando efeitos de sentidos que remetem a ação bélica.

Por exemplo: em **dar cabo**, uma leitura possível seria: matar ou exterminar, porque num sentido de luta, de guerra, um inimigo sempre quer **dar cabo** do outro. Em **disparando jatos/se desintegra, queima/destruir**, amplia-se ainda mais a rede interdiscursiva, pois, além do discurso bélico, constitui-se uma especificidade: é uma luta moderna que está sendo travada. Nela, as armas não utilizam mais projéteis, mas sim raios laser em jatos que desintegram imediatamente o oponente. É o real da história que se materializa na língua, uma vez que na medicina, atualmente, já se utilizam raios a laser que desintegram pedras nos rins, por exemplo, ou seja, nessa formação discursiva, os inimigos, diariamente.

Considerações finais

Nessa rede de formulações constituída a partir do funcionamento da divulgação científica no discurso de propaganda, compreendo alguns pontos:

A circulação do discurso da propaganda, na atualidade, coloca em cena uma linguagem que se presta à sedução do sujeito-leitor, oferecendo-lhe um mundo de prazer, satisfação pessoal, felicidade, conforto pela aquisição de um produto. Um imaginário de atendimento às expectativas e aspirações do consumidor. Um discurso que circula fortemente na formação capitalista.

A ideia de guerra é positivada pela revista. Constitui-se, via interdiscurso, um imaginário de que o homem deve ser sempre o melhor, o mais forte, o vencedor, conforme as metáforas bélicas: dar cabo, disparando jatos, se desintegra, etc.

Esses anúncios, que funcionam no espaço próprio de enunciação do discurso jornalístico, quando são textualizados na divulgação científica, encenam a credibilidade e a legitimidade do

discurso científico, o que, para o discurso da propaganda, por sua constituição (objetivos principais da instituição jornalística: objetividade da linguagem, imparcialidade, neutralidade, isenção, etc.), é imprescindível.

Há, nessa encenação, o que Orlandi (2005, p.152) denomina como o efeito de exterioridade da ciência, ou seja, "a ciência sai de si, sai de seu próprio meio para ocupar um lugar social e histórico no cotidiano dos sujeitos, ou seja, ela vai ser vista como afetando as coisas a saber no cotidiano da vida social". Exterioridade que, a nosso ver, instaura efeitos de visibilidade, importância e necessidade inquestionável para o desenvolvimento e a manutenção da saúde para/na sociedade.

Pela formulação dos textos, constitui-se uma posição-sujeito (jornalista) que dá informações claras e consistentes sobre os produtos ao sujeito-leitor/consumidor. O imaginário de língua que circula nesse espaço discursivo (revista) é o de que a língua é transparente e de que os sentidos são únicos, originais⁶. Contudo, pela noção de efeito metafórico, instaura-se uma falha nessa literalidade, pois o controle e a administração da interpretação não se completa e isso se mostra na tensão que se instaura pela formulação dos textos, afetados pela divulgação científica, e os movimentos da subjetividade que funcionam no discurso da propaganda.

1 - Mestre em Letras pela UEM e professora da área de Linguística da UNEMAT, campus de Ponte e Lacerda. E-mail: silviarnunes@hotmail.com

2 - Retomando Lacan (1966).

3 - Texto utilizado aqui como materialidade que, imaginariamente, apresenta começo, meio e fim (cf. ORLANDI, 2005).

4 - O texto infográfico articula discursividades distintas ao ser organizado de maneira diferente em relação a outros textos. Essa organização, digamos, particular, instaura um exterior de ciência que produz efeitos de objetividade e literalidade. Põe em funcionamento, também, o imaginário de que a imagem (fotografia, desenho...) pode "ampliar" o conhecimento do leitor.

5 - Sobre a subjetividade no discurso científico, ver Coracini (1991).

6 - Conforme a noção de esquecimento formulada por Pêcheux (1997).

Aceito para publicação em 01.06.2009



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, Maria J. R. **Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência.** São Paulo: Educ; Campinas-SP: Pontes, 1991.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos.** Campinas-SP: Pontes, 2001.

dos sentidos. Campinas-SP: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1997.

SZEGO, Thais. Gôndola. **Revista Saúde,** São Paulo, Editora Abril, n.261, p. 10, jun. 2005.

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação**

GÔNDOLA

POR THAIS SZEGO

FOTOGRAFIA: GUSTAVO MARINHA

TIRE O PESO DAS PERNAS

Se o peso fosse o único problema de quem sofre de varizes, já seria um incômodo e tanto. Mas ainda tem a dor e o inchaço, que só encontram um certo alívio quando as pernas ficam numa posição mais alta do que o corpo. A almofada da Copespuma tem um design especial para detê-las e foi

desenvolvida em parceria com uma equipe de médicos do Hospital das Clínicas de São Paulo. Ela é feita de espuma de poliuretano e tem a inclinação certa para auxiliar a circulação do sangue. A superfície, na forma de picos, evita feridas, comuns em quem permanece muito tempo na mesma posição. "A almofada é indicada não apenas no pós-operatório de varizes, flebite, úlcera varicosa, entre outros males, mas também para atenuar o cansaço nas pernas", diz Gisele Sapino Levi, diretora da Copespuma.



VEIAS DILATADAS
Vejam como as varizes se instalam

1 - As válvulas se abrem para o sangue pousar e se fecham para que ele não faça o caminho inverso.




sempre para trás

MUITO ALÉM DA ESTÉTICA

As varizes indicam mau funcionamento das válvulas encarregadas de controlar o fluxo do sangue. Bombeado pelo coração, ele segue pelas artérias para levar oxigênio às células e retorna pelas veias, onde se localizam as tais válvulas. Se forem defetuosas, um pouco de sangue refluxa, fica estacionado e dificulta o trânsito. A veia, então, se dilata e inflama, provocando todo o desconforto. "A causa é genética, mas situações como ficar muito tempo em pé ou sentado, usar anticoncepcional, ganhar peso e mesmo a gravidez favorecem o problema", explica o cirurgião vascular Kazuo Miyake, de São Paulo. As mulheres são mais vulneráveis. Os homens, porém, nem sempre escapam daquelas que saltam aos olhos.

CONSUMO CONSCIENTE
A Copespuma faz coleta seletiva de lixo e uso e dinheiro obtido nesse processo para ajudar uma instituição que trata crianças com câncer.


COLETA SELETIVA


AÇÃO SOCIAL

ARMAS CERTEIRAS
Estes são métodos eficazes para dar cabo das varizes segundo Kazuo Miyake

Grungia: o médico amarra as duas pontas da veia doente num fio de náilon para removê-la.

Fibra óptica: ela percorre a veia disparando jatos de raio laser. O vaso se desintegra e é reabsorvido pelo organismo.

Cryo-laser: é a combinação de ar gelado e laser. O primeiro anestesia a região e o segundo queima a veia.

Cryo-glicose: além do ar gelado, o especialista injeta glicose para desobstruir o vaso.

50 | SAÚDE & VIDA | JUNHO 2005

